

# PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

*Senado Federal*

## Até tu, Jorge?

• As boas histórias políticas, tanto quanto as de amor, trazem o condimento da traição, farto na História e na literatura. Ela teve seu papel neste rompimento entre o senador ACM e o presidente FH, dizem amigos do senador, certos de que o PFL, depois de abandoná-lo, incentivou o presidente FH a demitir seus ministros. A traição do PFL a ACM começou na eleição de Jader Barbalho.

As pequenas traições culminaram com uma punhalada, diz um deputado carlista, referindo-se ao presidente do partido, senador Jorge Bornhausen. Depois de tomar o lado do presidente e de fazer uma censura pública ao senador, teria ainda estimulado a demissão dos ministros indicados por ACM. Recorda o deputado que Bornhausen manifestou antes mesmo dos tucanos, na quinta-feira, seu repúdio à conversa havida entre ACM e os procuradores e seu apoio a FH. Não houve consultas prévias ao partido nem qualquer tentativa de localizar o senador na Flórida. Não fosse por seu assessor Fernando César e pelo ex-assessor Pedro Grossi, ACM teria ficado literalmente a ver navios em Key Biscayne, desinformado do que se passava aqui.

Com a nota, Bornhausen retirou-lhe a última corda de sustentação partidária e veio a queda. Na noite de quinta-feira, um enviado seu disse ao presidente que o PFL entendia e achava necessária as demissões. Fez cortesia com os pescoscos dos carlistas, e eles foram degolados.

Na eleição das Mesas, tornou-se mais aguda a contradição de interesses, acentuada pela diferença de estilos, entre Bornhausen e ACM. O senador, assessorado pelo ódio, escolheu como prioridade derrotar Jader Barbalho. Para o PFL do B, de Bornhausen e Maciel, o estratégico era levar Inocêncio Oliveira à presidência da Câmara, instrumento essencial ao esquema de sobrevivência política do grupo. No fun-

do, cada um estava se lixando para o objetivo do outro. Não havia solução que atendesse aos dois lados. Foram ambos derrotados.

Em qualquer tipo de eleição a traição pode consolidar, mas raramente determinar o resultado. Pela razão simples de que os traidores são atraídos pelo cavalo vencedor, o favorito. Se houve traições a ACM na votação do Senado, como ele suspeita, elas já foram sinal de seu enfraquecimento e queda. Dizem os carlistas que quatro senadores do PFL votaram em Jader e não no candidato do partido, o petebista Arlindo Porto. Seus nomes estão no caderno de notas de ACM: Edison Lobão, Romeu Tuma, Mozarildo Cavalcanti e Eduardo Siqueira Campos.

Numa das entrevistas que deu por telefone, ACM avisou que disputará o comando do PFL com a atual direção. Tem queixas demais de Bornhausen, que conforme combinaram foi a FH no dia seguinte à dupla derrota do PFL. Como combinado, pediu a demissão do ministro Eliseu Padilha como condição para o PFL continuar apoiando o governo. Seria um gesto de satisfação a ACM. Mas Bornhausen — tem contado o senador — pediu também a cabeça do ministro Francisco Dornelles, por achar que ele selou a derrota de Inocêncio quando articulou a renúncia do candidato Severino Cavalcanti em favor de Aécio Neves. Isto ele não conta, tem dito ACM.

Para os carlistas, houve traição. Os outros poderão sempre dizer que ACM não lhes deixou escolha.